

Intervenção arqueológica do Lote 3A do Gasoduto Nacional. Escavação de emergência na *villa* da Herdade das Pereiras (Elvas)

■ SANDRA BRAZUNA ■

RESUMO A intervenção arqueológica de emergência realizada na *villa* das Pereiras, Elvas, em 1996, colocou a descoberto um conjunto de vestígios que permitiram a caracterização e datação preliminar do sítio arqueológico. A zona intervencionada tratar-se-ia de uma zona marginal da *villa*, que se desenvolveria a Norte, tendo sido ocupada entre os séculos I e IV d.C. Nenhuma das estruturas arqueológicas foi afectada pela construção do gasoduto.

ABSTRACT The 1996 salvage excavation at the Herdade das Pereiras Roman villa revealed a set of remains that allowed for the preliminary characterization and dating of the site. The excavated area probably is a marginal zone of the settlement, the actual villa being possibly located to the North of this area. It has been occupied between the 1st and 4th centuries AD. None of the archaeological structures have been damaged by the construction of the pipeline.

Introdução

Em Abril de 1996, a equipa constituída por Pedro Almeida e Pedro Souto, que acompanhava os trabalhos do Gasoduto Nacional, identificaram na área do lote 3A vestígios de ocupação romana, apontando uma *villa* inédita.

À superfície e nas terras removidas para a abertura do estradão, eram visíveis vários fragmentos de materiais de construção (*tegulae* e *lateres*), de *dolia*, cerâmica comum e *terra sigillata*. Era ainda visível o início de dois muros perpendiculares, ambos constituídos por pedras de pequenas e médias dimensões, compactadas por uma forte argamassa. Os materiais dispersavam-se ao longo do estradão desde estes muros e até muito próximo de uma linha de água (ramificação da rib.^a da Amoreirinha), por uma extensão de cerca de 100 metros em linha.

Perante os vestígios identificados, era necessário a realização de uma intervenção de emergência, de forma a averiguar se a abertura da vala para o Gasoduto, iria afectar alguma estrutura e, tanto quanto possível, tendo em consideração os objectivos muito específicos desta intervenção, recolher dados para a caracterização desta *villa* agora identificada.

Estando a área de escavação limitada, à partida, ao eixo da vala que teria apenas um metro de largura e seria aberta no lado Sul do estradão, optou-se por abrir quadrículas de 5 metros, 2,5 m para cada lado do eixo. Pretendia-se assim que, além das estruturas que viessem eventualmente a ser afectadas, se pudesse perceber minimamente o seu enquadramento, ou identificar outras que ainda que não estivessem na zona da vala, pudessem ser afectadas pelos trabalhos da sua abertura. Os dois muros já referidos localizavam-se do lado Norte do estradão, pelo que não seriam afectados pela abertura da mesma. Por esta razão, a intervenção nesta área, limitou-se à limpeza destas estruturas, com a decapagem da unidade superficial que as cobria, de forma a ser feito o seu registo gráfico.

Localização

A *villa* da Herdade das Pereiras situa-se ao km 17 da Estrada Nacional Campo Maior/Elvas, Herdade das Pereiras, concelho de Elvas, distrito de Portalegre (Carta Militar de Portugal 1:25 000, n.º 400 de 1966) (Fig. 1).

Desenvolve-se numa pequena plataforma aberta sobre o vale, protegida a Norte pelo ponto mais alto da elevação (de 279 m de altitude), prolongando-se os seus vestígios até à linha de água. Para além desta linha de água que é uma ramificação da ribeira da Amoreirinha, a 100 metros para Oeste, há duas ramificações da ribeira do Judeu, encontrando-se o rio Caia a cerca de 2,5 km.

Os terrenos são constituídos por solos mediterrâneos pardos, de classe B e C, que cobrem o substrato de xistos, apresentando algumas limitações resultantes da erosão ou de escorrimentos superficiais. Nas zonas mais altas estes solos passam a ser de classe E, também com limitações resultantes da erosão ou escorrimentos superficiais (Carta de Capacidade de uso dos Solos, 1:50000, folha 33 C).

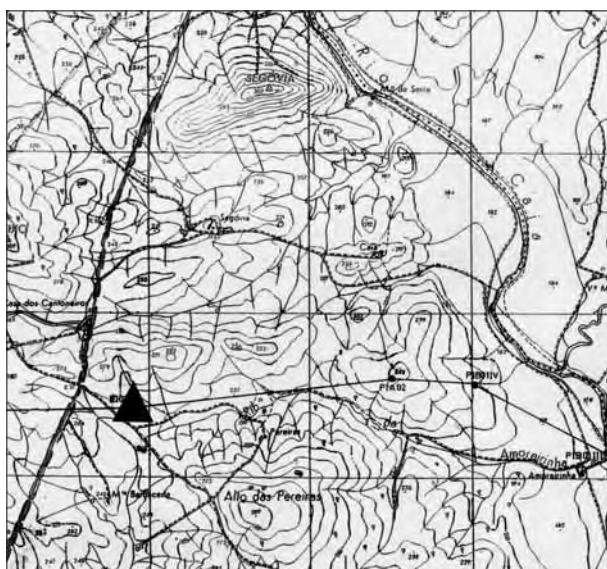


FIG. 1 – Localização do traçado do Gasoduto e da *Villa* da Herdade das Pereiras (Carta cedida pela Transgás, SA).

Metodologia

Para o início da marcação do sistema de coordenadas, teve-se em conta dois aspectos:

- 1.º – que o eixo da vala ficasse ao meio do quadriculado;
- 2.º – que a dispersão dos materiais se iniciava a partir dos muros que se viam à superfície e se prolongava pela encosta, em direcção à linha de água, sendo necessário verificar a existência de algum muro para Sul.

Assim, marcou-se um primeiro ponto a cerca de 3 metros para Oeste do início dos muros e a 2,5 metros para Sul do eixo da vala. A este ponto gerador do sistema atribuiu-se o valor de $x = 500,00$ e $y = 100,00$. A partir deste ponto, marcou-se sobre a linha y em $x = 500,00$ dois pontos de medição na zona 1 e um ponto de medição na zona 2, de 5,00 m em 5,00 m. Sobre a linha x em $y = 100,00$ foram anotados quatro pontos de medição na zona 1 e quatro pontos na zona 2, igualmente de 5,00 m em 5,00 m.

Para a altimetria, foi utilizado um ponto marcado no afloramento rochoso, situado junto ao estradão, identificado nas cartas de localização do Gasoduto como Poligonal 13, com um valor absoluto de 257,24 m.

Os trabalhos de campo foram baseados nos princípios teóricos estabelecidos por Barker (1989) e Harris (1991), tendo-se feito a remoção dos depósitos por níveis naturais, na sequência contrária à da sua formação.

As unidades estratigráficas foram definidas de acordo com as suas características físicas, tendo cada contexto identificado, recebido uma numeração sequencial independentemente da sua natureza, igualmente distinguida. A interpretação destes contextos foi feita a partir da análise da estratigrafia vertical e horizontal.

O espólio recolhido encontra-se inventariado e classificado apenas em parte, pelo que aqui apresentamos apenas uma breve descrição geral. O seu estudo será oportunamente apresentado.

A escavação

A intervenção arqueológica incidiu em duas zonas: uma junto às estruturas visíveis (zona 1) onde os vestígios materiais não eram muito abundantes, mas a existência das estruturas parcialmente a descoberto, colocava a hipótese de estas poderem prolongar-se para a área que seria afectada pela abertura da vala; a outra no fim da encosta, numa área de grande concentração de materiais, quer nas terras retiradas na abertura do estradão, quer na própria via (zona 2). Abrangia-se assim, as zonas onde havia uma maior probabilidade de existirem estruturas no eixo da vala ou na sua proximidade, podendo ser afectadas pela sua abertura.

Zona 1

A intervenção nesta área foi executada em duas fases, uma vez que um lado do estradão tinha de continuar disponível para a passagem das máquinas. Numa primeira fase as estruturas foram cobertas de terra, procurando desta forma minimizar o impacto da contínua passagem de máquinas e carros, enquanto se procedia à sondagem no eixo da vala (v. Fig. 2). Posteriormente, já no fim dos trabalhos, esta sondagem foi tapada para que a circulação se transferisse para lado Sul do estradão, procedendo-se então ao alargamento do quadrado e aos trabalhos de limpeza e decapagem da unidade de superfície, para o registo das estruturas.

A sondagem realizada no eixo da vala, abrangia todo o espaço contíguo às estruturas. Mas, logo após a decapagem de uma pequena camada de cerca de 5 cm de terras, surgiu de imediato o afloramento rochoso.

A limpeza e decapagem da unidade de superfície do lado Norte do estradão, permitiu identificar a continuidade dos muros visíveis, designados de M2 e M3, e dois outros muros, M4 e M5, definindo-se assim, parte de dois compartimentos que se prolongam para Norte (v. Figs. 3 e 4).

FIG. 2 – Sondagem no eixo da vala da zona 1.

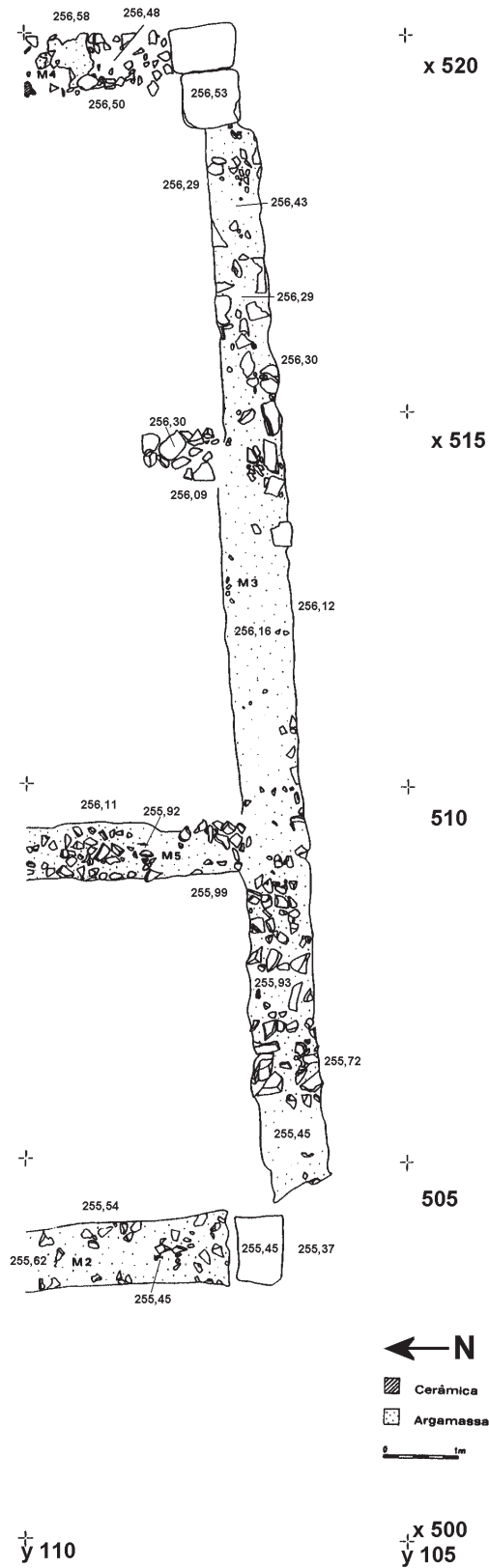


FIG. 3 – Planta das estruturas identificadas na zona I.

Compartimento A

Compartimento, definido pelos muros 2, 3 e 5, tem de largura máxima 4,60 m. Estes muros, constituídos por pedras de pequenas e médias dimensões compactadas por uma forte argamassa, correspondem apenas ao alicerce, encontrando-se em parte encaixados no afloramento rochoso previamente afeiçoado.

O muro 3 é comum ao compartimento A e B constituindo o seu limite Sul. Ambos os seus topos Este e Oeste, terminam com dois blocos de granito aparelhados. No topo Oeste, onde faz a ligação com o muro 2, apenas se encontrou um destes blocos (comp. máx. 0,90 m, larg. máx. 0,60 m) encostado a este muro, existindo o negativo da outra; no topo Este onde faz a ligação com o muro 4, encontraram-se os dois blocos (comp. máx. 0,72 m, larg. máx. 0,88 m).

O muro 5 é também comum aos compartimentos A e B, constituindo a divisão deste espaço.

Compartimento B

Trata-se de um grande compartimento também só em parte definido, pelo que apenas podemos saber a sua largura, que tem de valor máx. 9,74 m. Este compartimento é definido pelos muros 3, 4 e 5.

O muro 4 é constituído por blocos de pedra de médias e pequenas dimensões e alguns fragmentos de tijoleira em parte ligados por argamassa. Ao contrário dos outros, este muro não se encontra bem consolidado por argamassa, observando-se áreas onde apenas existe pedra solta.

No interior deste compartimento identificou-se um derrube do muro 3.



FIG. 4 – Estruturas identificadas na zona I.

Esta zona da *villa* parece ter sido arrasada, subsistindo apenas os alicerces dos muros protegidos pelo próprio afloramento. De resto, era possível observar nas terras retiradas da abertura do estradão, grandes blocos de pedras de pequenas e médias dimensões agregadas por uma forte argamassa que devem ter sido arrancados a estas estruturas.

Este espaço, parece corresponder ao limite Sul da área edificada da *villa*, devendo esta desenvolver-se para Norte, onde, no meio da seara, logo depois do estradão, se observa uma grande concentração de *tegulae* e parte de uma estrutura que parece estar alinhada com o muro 5.

Zona 2

A grande concentração de material visível no estradão no início da zona de declive, prolongando-se até meia encosta ao longo do eixo da vala e espalhados por toda a área, foi determinante para a localização desta segunda sondagem. Estes materiais podiam ser resultantes de escorrimento e/ou arrasto, uma vez que se encontravam já no declive. Todavia, no limite da plataforma, o afloramento rochoso encontrava-se à superfície, sem qualquer vestígio de estruturas ou negativos destas, tendo sido em parte desbastado com a abertura do estradão, e, nas terras retiradas nesta área, os materiais surgiam em número muito reduzido.

Após a decapagem da unidade de superfície, surge o topo de um muro (M1) em alvenaria, constituído por blocos de pedra de médias e pequenas dimensões e em parte também encaixado no afloramento rochoso, que se encontra afeiçoado. Este muro encontrava-se muito destruído para Este, tendo-se identificado alguns blocos de pedra que foram arrastados e ficaram alinhados (UE5) de acordo com uma depressão existente no afloramento rochoso (v. Fig. 5). Esta depressão parece ser natural e não um desbaste propositado para a construção do M1.

No espaço entre o corte Norte e o M1 e a UE5, foi identificada uma unidade de terras castanhas acinzentadas UE4, onde para além de carvões, se recolheu-se uma quantidade considerável de fragmentos de cerâmica comum, alguma muito queimada e *terra sigillata* sudgálica, hispânica e africana, alguns fragmentos de paredes finas e de lucernas, dois fragmentos de pesos de tear, agulhas e alfinetes em osso, vidros, uma moeda, vários pregos e fragmentos de escória de ferro e vidro. Em toda esta camada surge também muito material de construção bastante fragmentado. Recolheu-se ainda uma grande quantidade de ossos de fauna diversa.

Esta unidade não foi escavada na totalidade. Terminada a primeira decapagem, e uma vez que não se iria alargar a sondagem para Norte, optou-se por não se escavar na zona que ficava entre o M1 e o corte Norte. Por um lado a área era muito reduzida, estando-se a retirar os materiais de um contexto que só o alargamento da escavação nos deixaria perceber, e, por outro, a escavação deste espaço iria deixar o muro sem apoio fragilizando-o.

Pensando ainda na sua consolidação, dado que as máquinas lhe iriam passar por cima no processo de abertura da vala e colocação dos tubos do gás, também se deixou cerca de 20 cm por escavar no lado exterior do muro.

Sob a UE4, ocupando a mesma área, surge uma unidade de terras castanhas escuras muito soltas UE6, onde se recolheram, embora em muito menor número, alguns materiais: cerâmica comum, *terra sigillata*, pregos. Esta unidade assentava directamente sobre a rocha ou sobre uma unidade de argilas UE7, resultante da degradação da rocha e já sem materiais.

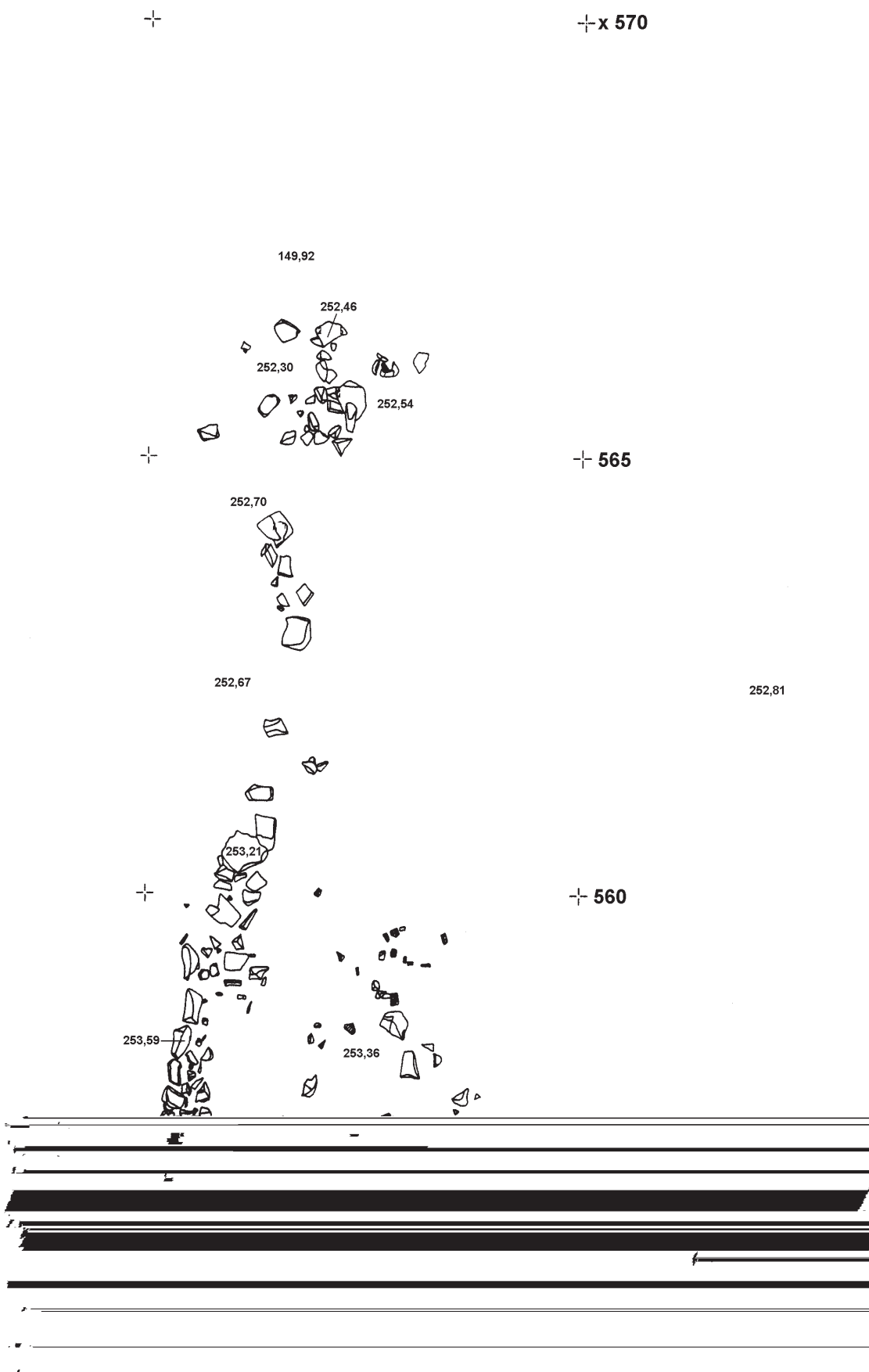


FIG. 5 – Plano 2 da sondagem da zona 2.



FIG. 6 – Aspecto da escavação na zona 2.

FIG. 7 – Pormenor do muro I.



FIG. 8 – Aspecto do corte Norte, sendo visível a sequência estratigráfica: UE's 3, 4, 6 e 2.

No lado sul do M1 e do alinhamento de pedras (UE5), foi identificada uma unidade de terras castanhas escuras argilosas UE16, onde se recolheram poucos materiais. Estas terras assentavam directamente sobre o afloramento ou, em alguns locais, sobre a unidade de argilas.

Os materiais

O espólio recolhido é bastante variado e provem, na sua quase totalidade, da zona 2. Na zona 1 apenas se recolheram algumas cerâmicas comuns e de pasta branca de importação, durante a limpeza das estruturas, e dois fragmentos de *terra sigillata* na sondagem.

O material cerâmico é todo de boa qualidade, mesmo no que se refere à cerâmica comum, de que se recolheu uma grande quantidade de fragmentos. Neste tipo de produção há a salientar dois fragmentos: um bordo com o *grafitti* (F.) junto ao lábio e um fundo com um *grafitti* composto por um X e um peixe, conhecido símbolo dos primeiros cristãos.

Entre os diversos fragmentos de *terra sigillata* recolhidos, de produção sudgálica, hispânica e africana, há também a salientar um fundo com *grafitti* (NERI).

De referir ainda, os vários fragmentos de agulhas e alfinetes em osso de tipologia diversa e uma pedra de anel em vidro verde trabalhada.

Assim, de acordo com os materiais recolhidos, podemos estabelecer um período cronológico ocupacional desta *villa*, entre pelo menos, o século I e o século IV d.C. A única moeda que surgiu, está em muito mau estado, sendo necessário proceder a uma limpeza, para que se possa ler.

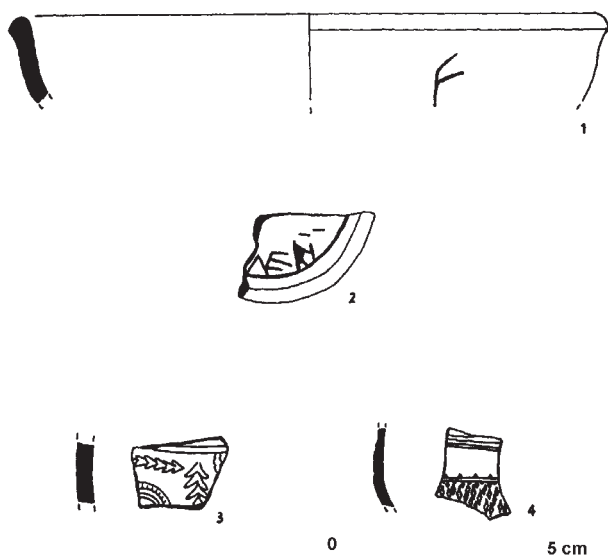


FIG. 9 – 1 – Tacinha de cerâmica comum com *grafitti*; 2 – Fundo de *terra sigillata* sudgálica com *grafitti*; 3 – Fragmento de *terra sigillata* hispânica decorada; 4 – Fragmento de paredes finas.

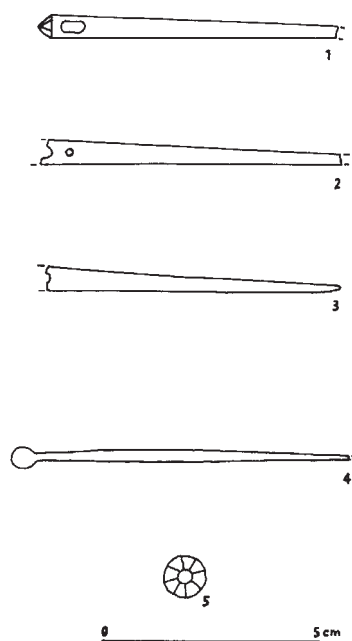


FIG. 10 – 1, 2 e 3 – Agulhas em osso; 4 – Alfinete de cabelo em osso; 5 – Pedra de anel em vidro verde.

Considerações finais

O intuito desta campanha era a sondagem do eixo da vala de passagem do Gasoduto Nacional, para que se verificasse a presença ou não, de estruturas que pudessem vir a ser destruídas. Toda a área de dispersão de materiais ao longo do eixo foi sondada, tendo-se chegado à conclusão, de que nenhuma estrutura iria ser atingida pela abertura da vala.

Na zona 1 as estruturas encontram-se a 3,50 m do eixo, sendo que aqui o afloramento está à profundidade de cerca de 5 cm. Tendo-se identificado apenas as fundações de parte de dois compartimentos, não foi contudo possível, saber a que estrutura arquitectónica pertencerão. Os materiais recolhidos nesta zona, quer na sondagem, quer durante a limpeza das estruturas, são escassos e encontram-se fora de contexto.

Na zona 2, a estrutura registada encontra-se no local mais próximo, a 1,70 m do eixo da vala. Só o alargamento da escavação permitiria compreender a articulação desta estrutura e a sua funcionalidade. No entanto, as características da UE4 e a mesma quantidade e diversidade do espólio recolhido, leva-nos a colocar a hipótese de esta ser uma zona de lixeira da *villa*. Por outro lado, esta quantidade e diversidade de materiais encontrados no espaço reduzido entre o M1 e a UE5 e o corte Norte, bem como a quase inexistência de materiais na ceara para Sul do estradão, parece indicar que a área ocupacional se situa para Norte desta área escavada.

A análise do espólio recolhido permite, no entanto, estabelecer um período cronológico ocupacional da *villa* entre o século I e o século IV d.C.

Só novas campanhas de escavações, agora tendo como objectivo compreender a articulação da *villa* e a sua vida económica e social, poderiam esclarecer os dados que esta escavação de emergência lançou. A sua identificação e primeira caracterização cronológica

representam já uma informação relevante para o conhecimento da romanização nesta zona, que constitui a região mais afastada do território emeritense, embora bem servida de eixos viários e com uma anterior tradição atestada pelo Castro de Segóvia que dista uns escassos 2,15 km.

No fim dos trabalhos todos os muros, zona 1 e 2, foram cobertos com terras, procurando minimizar o impacto provocado pela passagem das máquinas.